

EXPERIÊNCIAS COM O ARTESANATO NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR E POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA

Coordenador: RUMI REGINA KUBO

Autor: CAROLINA MICHELON TERME

No município de Maquiné, situado no litoral norte do RS e região de Mata Atlântica, encontra-se uma grande diversidade ambiental e um complexo arranjo de sistemas produtivos, com predomínio da agricultura familiar. Esta, centrada na unidade doméstica, aponta para uma diversidade de recursos vegetais extraídos, tanto para uso doméstico, agrícola ou de transporte, quanto para complementação da renda. Destaca-se o extrativismo de samambaia-preta, planta usada em arranjos florais em centros urbanos. As comunidades locais são detentoras também de conhecimentos acerca do artesanato de fibras vegetais. Entre as fibras empregadas na confecção artesanal tem-se a palha de bananeira, cipós, taquara e plantas aquáticas. A cada uma destas atividades corresponde um conjunto de relações sócio-culturais associado a determinados fragmentos de paisagens. Em um contexto marcado pelo empobrecimento dos sistemas produtivos locais, resultante de fatores múltiplos, coloca-se um dilema para a ação extensionista: por um lado, a necessidade de reconhecer a alteridade destes grupos apoiando seus sistemas produtivos, sobretudo porque apresentam uma tradição cultural ligada à própria dinâmica histórica e ambiental local; por outro, a necessidade de adaptação às novas imposições sociais e ambientais impostas pela conjuntura atual. O Projeto Agroculturas tem como objetivo central fomentar a diversificação dos sistemas de manejo e usos da biodiversidade na Mata Atlântica, de forma a contribuir para a melhoria dos processos de geração de renda e, no que tange à preservação ambiental, a promoção da visibilidade e do protagonismo dos agricultores envolvidos. Uma das abordagens a que se propõe refere-se à atividade artesanal, na proposta central de fortalecê-la como alternativa de renda eficaz para as famílias de agricultores locais. Atendo-se aos processos de produção artesanal que utilizam recursos vegetais e valorizando o conhecimento acerca de técnicas de coleta e beneficiamento de fibras vegetais e de manejo do ambiente, o projeto busca contribuir no aprimoramento da atividade artesanal, estimulando e dando visibilidade às potencialidades no uso de recursos naturais na diversificação de atividades agrícolas. Propõe-se gerar subsídios que enriqueçam o uso de fibras vegetais na confecção artesanal, provendo troca de experiências e proposição de alternativas para a qualificação do processo produtivo e

comercial e instrumentalizar artesãos com informações técnicas acerca do Bioma Mata Atlântica e correlatas políticas e legislação. As atividades do projeto Agroculturas junto aos agricultores/artesãos estão em andamento e compreendem oficinas, visitas técnicas, reuniões por grupo de interesse, visitas de intercâmbio e participação em eventos e feiras que mesclam as atividades de capacitação em um processo transversal de pesquisa participativa. Nas oficinas, trabalhou-se com a tecelagem com a construção de um tear artesanal, contemplando todas as etapas envolvidas neste processo, desde o seu desenho/molde até a lógica de urdir. Também, o beneficiamento e uso da fibra de bananeira na confecção de papel, atividade conduzida pela Ong Papeloteca Otávio Roth que vem desenvolvendo a pesquisa, reunião de acervo e difusão do papel artesanal. Nestas situações de grupo, cada artesão/ agricultor expôs opiniões sobre técnicas de corte, qualidades das fibras, influências ambientais e propostas para melhorar ou estimular a atividade. Por vezes, artesãos locais eram os próprios ministrantes, exibindo suas técnicas e ferramentas, como foi o caso da demonstração de um rústico tear para confecção de esteiras de junco. Os facilitadores da atividade, vinculados ao Projeto, procuraram introduzir questões referentes ao extrativismo de espécies nativas, colocando as restrições e limitações da legislação quanto ao manejo do ambiente e à finalidade comercial. Apresentaram estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo Núcleo DESMA (parceira do projeto) e a lógica de desenvolvimento sustentável que os permeia, sendo complementado pela entrega de cartilhas elaborada pelo grupo. Ao longo das atividades propostas levantaram-se questões quanto à diversificação das peças artesanais produzidas, valoração da qualidade artística, os significados do talento e da criatividade do artesão e a beleza de um bem natural transumano, além de apresentação de oportunidades de participação em intercâmbios e comercialização em nível regional, como a Festa da Banana em Santo Antônio da Patrulha. Quanto ao destino dos papéis e teares produzidos nas oficinas, propôs-se uma discussão sobre o valor do processo coletivo de criação, com materiais compartilhados por todos. Assim, procurou-se estimular uma apropriação coletiva, destacando a importância do beneficiamento em grupos e fazendo-se um paralelo com o recurso também público destinado ao projeto Agroculturas. Situação que oportunizou a discussão sobre economia solidária e organização de um grupo de interesse centrado na atividade artesanal, prevendo a continuidade destas atividades e articulando-as com outras iniciativas e instituições locais, como a Emater (responsável por outras ações de extensão em execução na região). Nas avaliações dos participantes, realizadas ao final das atividades, a partir de uma conversa facilitada pelos organizadores, buscou-se as motivações e idéias engendradas no trabalho. Isto possibilitou lançar alguns encaminhamentos a partir das

intenções de cada participante: geração de renda, pesquisa ou motivação estética. A oficina revelou-se um momento importante para a articulação local (com sugestão de vendas em uma loja em Porto Alegre), na produção de rótulos e etiquetas para produtos locais e na apropriação de espaços locais. Em geral, demonstrou-se interesse na continuidade das novas técnicas apresentadas, e diferentes níveis de percepção sobre a relação das atividades com o discurso conservacionista veiculado. Entretanto, entraves também estiveram presentes, como a baixa frequência em relação às expectativas iniciais de público participante. Esta situação permitiu-nos uma aproximação e compreensão das dinâmicas cotidianas locais, permeada pela dificuldade de ausentarem-se de seu trabalho diário, a susceptibilidade a intempéries do tempo e a tensões relacionadas a gênero, uma vez que se tratava de um público majoritariamente feminino. Estas dificuldades levam-nos a concluir que a receptividade e permeabilidade as novas técnicas propostas relacionam-se a um processo de inserção à rotina diária das agricultoras e às especificidades sócio-ecológicas locais. As visitas técnicas têm permitido observar que dentro do município há características diferenciadas das comunidades locais, ligadas à conformação ecológica e sócio-cultural, nas quais as inovações inserem-se sob diferentes ópticas. Portanto, o artesanato configura importantes noções acerca de um saber-fazer, de tradicionalidade e manejo ambiental, expondo categorias locais, variedade de anseios e forçando-nos a reconstruir propostas, uma vez que discutir a proposição de manejos adequados leva-nos a atentar para uma esfera ampla e à dinâmica que a tece. Fomos provocadas a aprender sobre os significados e representações construídas do artesanato enquanto arte, ferramenta de comunicação e cifra da história de um grupo e, por este olhar, considerar as distintas perspectivas quanto ao aproveitamento de recursos naturais, onde populações re-orientam sua forma de ver e se ver na relação com o outro e com seu meio.